

PROCEDIMENTOS ESTÉTICOS: O QUE SILENCIAMOS JUNTO COM NOSSAS MARCAS

Elisangela dos Reis

RESUMO

O número de procedimentos estéticos cresceu exponencialmente nos últimos anos, sendo as mulheres as que mais realizam tais intervenções. Dado que a expressão facial é parte fundamental da comunicação humana, este artigo propõe uma reflexão sobre as possíveis consequências do excesso de procedimentos estéticos na expressão não verbal das mulheres. Ampliando a discussão com base na literatura, buscou-se compreender as novas formas de construções subjetivas sobre a aparência, relacionando-as à influência midiática e aos avanços tecnológicos na medicina estética. O artigo também analisa como os padrões de beleza impostos historicamente sobre o corpo das mulheres integram um contexto mais amplo, impactando o processo de individuação das mulheres tanto em nível individual quanto coletivo.

Palavras-chave: Procedimentos estéticos. Expressão facial. Individuação. Silenciamento feminino.

O cenário contemporâneo é marcado pelo crescente número de cirurgias e procedimentos estéticos¹, impulsionados pela busca incessante da perfeição, influência midiática e avanços tecnológicos na medicina estética. Procedimentos como botox e preenchimentos faciais tornam-se cada vez mais populares, especialmente entre mulheres. Diante desse panorama, surge a necessidade de refletir sobre as implicações mais profundas desse fenômeno, sem, no entanto, estabelecer uma crítica direta ao uso desses procedimentos. É importante reconhecer e validar o desejo de sentir-se bela, mesmo enquanto se busca valorizar a diversidade. De algum modo há influência dos padrões culturais e históricos do período em que se vive. No entanto, é essencial questionar a origem desses padrões e compreender os motivos que os sustentam, assim como ampliar constantemente as consequências desses procedimentos. Este artigo propõe uma análise do possível impacto dos procedimentos estéticos excessivos na expressão das mulheres, com foco na comunicação não verbal à luz da psicologia analítica contemporânea.

As possibilidades de análise dessa temática são muitas: o recorte pode ser ampliado a partir da discussão dos padrões estéticos, questões de gênero, influência das mídias digitais e

¹ Nos últimos quatro anos, houve um crescimento expressivo no número de cirurgias estéticas, com uma elevação de 41,3%. Esse aumento não se restringe apenas às intervenções cirúrgicas, que subiram 16,7%, mas também se reflete nos procedimentos não cirúrgicos, que tiveram uma alta de 7,2% desde a última pesquisa. De forma mais notável, os procedimentos não cirúrgicos cresceram 57,8% no mesmo período (ISAPS, 2023).

uso de filtros, a construção simbólica sobre o corpo, a questão social e política sobre o recorte de classe que faz uso de tais procedimentos, o porquê se está evitando ou fugindo do envelhecimento. Cada um desses pontos cruza a temática. Contudo, o foco deste artigo é o possível silenciamento da comunicação decorrente do aumento dos procedimentos estéticos, ressaltando ainda que são as mulheres as pessoas que mais consomem esses serviços. Dados da Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética (ISAPS, 2023) mostram que 85,5% do total de procedimentos estéticos são realizados em mulheres.

A expressão facial é uma parte fundamental da comunicação humana. Sorrisos, rugas na testa, sobranceiras arqueadas - todas essas nuances contribuem para a transmissão de emoções, fazem parte da expressão que caracteriza a individualidade de cada ser. No entanto, o crescente número de intervenções estéticas que buscam congelar o envelhecimento e eliminar as marcas naturais de expressão levanta questões sobre como esses procedimentos podem impactar a capacidade de comunicar e expressar.

É possível que a busca pela perfeição resulte em rostos que pareçam uniformes, ocultando a diversidade de expressão e comunicação humana. A individualidade, expressa através de características faciais únicas, pode ser perdida em meio a uma busca incessante por uma beleza padronizada.

O uso excessivo de procedimentos estéticos pode resultar em uma aparência facial fixa e inexpressiva. Embora muitos busquem esses tratamentos para alcançar uma aparência mais jovem ou para se aproximarem de padrões estéticos estabelecidos hegemonicamente, o rosto, muitas vezes chamado de "janela da alma", pode se tornar uma tela estática, incapaz de refletir as nuances emocionais que tornam a comunicação humana tão rica.

Propagandas de procedimentos estéticos frequentemente utilizam abordagens de comunicação que prometem eliminar expressões (caracterizadas nesse contexto como negativas), como "Elimine as linhas do brabo" (referindo-se às rugas formadas entre as sobranceiras), "Elimine as linhas de preocupação" (referindo-se às rugas formadas na testa), "Elimine o sorriso triste" (referindo-se ao arqueamento dos lábios). Outras ressaltam a eliminação do sentimento possivelmente associado à marca facial, como "Diga adeus ao olhar cansado" (referindo-se às olheiras ou bolsas sob os olhos) e "Recupere o sorriso jovial" (referindo-se às rugas ao redor da boca).

Essas mensagens publicitárias levantam questionamentos importantes. Por que alguém desejaria esconder a expressão de brabo (relacionado ao sentimento de ira, raiva) se essa for, de fato, a emoção sentida? Será que para um público masculino as propagandas seriam expostas da mesma forma, ou expressar brabeza teria outro peso? Se há linhas de preocupação, não seria

mais relevante abordar as preocupações subjacentes e buscar soluções, ao invés de simplesmente ocultá-las? Da mesma forma, se as mulheres estão se sentindo cansadas, não se deveria entender por que estão cansadas, discutir estratégias para melhorar a qualidade de vida, em vez de propor que não pareçam cansadas? Essas reflexões evidenciam a necessidade de uma análise mais profunda sobre as mensagens veiculadas pelas propagandas de procedimentos estéticos, destacando a importância de considerar não apenas a busca pela aparência estética, mas também os aspectos emocionais e psicológicos envolvidos nesse processo.

Ao refletir a relação entre o corpo e a publicidade, Santos e Rosário (2021) destacam uma construção bidirecional com a cultura contemporânea, na qual ambos moldam e são moldados por ela, e envolve, além disso, aspectos sociais e econômicos que, por vezes, não são evidentes ou evidenciados. As experiências individuais com o corpo são afetadas pelas representações midiáticas e publicitárias, que podem incentivar pessoas a aspirarem a determinadas formas corporais. As imagens do corpo e sua representação idealizada funcionam como suporte para a economia psíquica da autoestima e do poder pessoal. A valorização e a exibição do corpo na sociedade contemporânea demonstram a predominância da aparência física em comparação com a aparência interior. Na sociedade de consumo, a percepção do corpo é moldada por uma variedade de imagens que promovem padrões específicos de representação corporal. A subjetividade capitalista procura impor modos de identificação que reproduzem a estética física hegemônica, restringindo a experiência individual à conformidade com esses padrões e dificultando a diversidade de vivências.

É preciso salientar que uma característica física é influenciada por múltiplos fatores e nem sempre está diretamente relacionada às representações emocionais apresentadas nas propagandas. Por exemplo, as olheiras, frequentemente associadas à aparência de cansaço, podem ser causadas por diversos elementos, como fatores genéticos, qualidade de vida (incluindo hábitos como tabagismo, qualidade do sono e níveis de estresse, além de alergias e coceiras), distúrbios alimentares como bulimia e vômitos frequentes, exposição solar, e características da pele como acúmulo de pigmento ou alterações vasculares, bem como alterações no relevo da região ocular, como perda de gordura, edema ou acúmulo excessivo de gordura, e também por características da musculatura ao redor dos olhos.

Sousa (2010) realizou uma interessante análise crítica das questões teóricas e metodológicas relacionadas à pesquisa sobre emoção e expressões faciais com base na literatura existente e perspectivas emergentes. Destaca que a expressão facial desempenha um papel crucial na comunicação emocional e social, influenciando as formas de interação com outras pessoas e a percepção do mundo. Historicamente, as pesquisas têm-se concentrado na relação

entre as expressões faciais e as emoções básicas, seguindo a tradição estabelecida pela Teoria Neurocultural de Paul Ekman. No entanto, novas abordagens emergem, desafiando essa visão universalista e destacando a importância do contexto cultural e social na interpretação das expressões faciais. A controvérsia sobre a terminologia utilizada, como "expressão" versus "comunicação" facial, reflete as diferentes perspectivas teóricas e enfatiza a multifuncionalidade do comportamento facial. Enquanto algumas abordagens privilegiam a ideia de que as expressões faciais são reflexos diretos de estados emocionais internos, outras enfatizam seu papel como ferramentas de comunicação social, cujo significado é moldado pelo contexto e pela interação com os outros.

Além disso, a discussão sobre se as expressões faciais são involuntárias ou deliberadas levanta questões essenciais sobre a natureza da comunicação emocional. Enquanto alguns teóricos, como Ekman, defendem que as expressões faciais emocionais são principalmente involuntárias e refletem estados internos, outros argumentam que esses comportamentos são, em grande parte, atos comunicativos intencionais, moldados pela interação social e pela necessidade de transmitir informações aos outros. Essa dicotomia entre espontaneidade e intencionalidade ressalta a complexidade do comportamento facial humano e sugere que as expressões faciais podem servir a múltiplos propósitos, desde indicadores de estados emocionais até ferramentas de comunicação social e adaptação contextual. Portanto, uma abordagem abrangente ao estudo da expressão facial deve considerar não apenas sua relação com as emoções básicas, mas também sua função na interação social e na transmissão de informações em contextos variados (SOUSA, 2010).

Uma mesma ação facial, como o franzir de sobrancelhas, pode servir como indicador de diversos processos, incluindo processos cognitivos, como a percepção de obstáculos, processos afetivos, como fúria e desagrado, e também estratégias de autoapresentação, tais como chamar a atenção do outro de maneira eficaz (SOUSA, 2006).

Considerando a riqueza de informações transmitidas pelos comportamentos faciais e a longa história de imposição de padrões de beleza sobre os corpos das mulheres - como os espartilhos do século XIX e os procedimentos estéticos contemporâneos -, é crucial refletir sobre as possíveis consequências do excesso de procedimentos estéticos para a expressão não verbal das mulheres. Quais formas de silenciamento podem inadvertidamente estar se perpetuando?

O sistema patriarcal tenta sistematicamente fazer com que as mulheres sejam docilizadas e sujeitas a um processo de encarceramento, domesticação e escravização, tendo suas vozes silenciadas. O sistema econômico e político contemporâneo, baseado no

capitalismo, não apenas marginaliza o que ameaça sua supremacia, mas também transforma conquistas de autonomia feminina² em mercadorias que perpetuam novas formas de aprisionamento. Embora tenha havido avanços em relação à expressão e à propriedade dos corpos femininos, essas conquistas frequentemente se tornam produtos de um mercado que subjuga a novos padrões e expectativas (TIBURI, 2018). A partir da proliferação de procedimentos estéticos, é fundamental questionar não apenas o que se está tentando evitar, mas também o que está se sacrificando em nome de uma idealização da beleza.

É preciso questionar constantemente os jogos de poder que moldam as experiências e comportamentos das pessoas, defender a importância de uma sociedade diversa e plural, onde a presença de múltiplas vozes e identidades é crucial para a construção de uma realidade inclusiva e não violenta. Lutar pelos direitos das mulheres, portanto, não é apenas uma questão de reivindicação individual, mas um esforço coletivo para desafiar uma ordem patriarcal que ainda molda os papéis sociais. É vital construir uma sociedade que reconheça e valorize as potencialidades individuais, rejeitando a imposição de papéis e signos que servem apenas ao controle e à dominação, e promover um ambiente onde as diferenças objetivas e subjetivas sejam verdadeiramente respeitadas e celebradas (TIBURI, 2018).

O silenciamento do expressar das mulheres vai além da simples busca pelo ideal da juventude eterna. Envolve a pressão para conformar-se a estereótipos de feminilidade que, por vezes, exigem uma expressão facial que se alinha com a passividade e a serenidade. A ênfase excessiva na aparência muitas vezes obscurece a verdadeira diversidade de emoções experimentadas pelas mulheres, restringindo-as a um estreito conjunto de expressões socialmente aceitáveis.

A conversa sobre o excesso de procedimentos estéticos e o silenciamento do expressar das mulheres deve ser integrada a uma narrativa mais ampla, que abrace a diversidade e celebre a subjetividade de cada sujeito. As mulheres têm o direito de não apenas de buscar a beleza, mas também de expressar plenamente suas emoções, garantindo que seus rostos continuem a ser verdadeiras narrativas de suas vidas, sem restrições impostas por normas estéticas opressivas. Em última análise, a beleza pode ser pensada como aquela que reflete a diversidade, a autenticidade e a liberdade de expressão.

O processo de individuação, conforme descrito por Jung, é o desenvolvimento psicológico que visa a realização das qualidades individuais, tornando o indivíduo único e autêntico (JUNG, 2014, p. 63). Esse processo envolve uma integração de diferentes aspectos

² Embora a palavra "mulher" não tenha um sinônimo exato, no contexto deste artigo, o termo "feminina" será utilizado de forma intercambiável para evitar repetições e garantir a fluidez do texto.

da personalidade, tanto conscientes quanto inconscientes, e é fundamental para que uma pessoa se diferencie do todo.

A individuação está intrinsecamente ligada ao corpo, pois esse processo se manifesta também através dos gestos, movimentos, ações e percepções. O corpo é o meio pelo qual se experiencia e expressa o ser que se é, e a transformação física é interdependente e relacional à transformação psíquica.

O processo de individuação envolve o diferenciar-se do coletivo, mas o padrão de beleza exige que cada uma seja como a outra é. Estabelecer um padrão é estabelecer um modelo e, por mais que haja algumas variações dentro deste modelo, ele ainda é um modelo aplicado a um grupo de pessoas que deveriam diferenciar-se. O processo de individuação das mulheres, portanto, tanto a nível grupal quanto individual, parece ser prejudicado pelo fenômeno do padrão de beleza, e pela construção social do corpo da mulher. A sociedade não é apenas algo que está ali, ela tem um grande poder - ameaça, destrói e caçoa assim como acolhe, cria e ama (SALLA, 2022, p. 94).

O complexo cultural do padrão de beleza se entrelaça com outros complexos culturais e pessoais, formando uma rede de sofrimentos que afeta cada mulher de maneira única, mas também a todas de forma semelhante devido ao seu conteúdo cultural. Este complexo cultural é perpetuado por discursos que se adaptam conforme as épocas e as sociedades mudam, mas que mantêm a essência de exigência de que as mulheres atinjam um padrão específico de beleza e comportamento, definido pelo meio social (SALLA, 2022).

O valor social atribuído à beleza se modifica com o tempo e a cultura. Nos mitos, a beleza era muitas vezes associada a sentidos negativos, como o pecado e a tentação, enquanto que, na sociedade atual, ela está ligada à sensualidade e é útil para que o homem se interesse pela mulher. Embora os discursos mudem de conteúdo, suas raízes permanecem as mesmas, e a mulher é constantemente colocada em uma categoria de inferioridade e inadequação. A tecnologia evoluiu, permitindo intervenções que não eram possíveis há 50, 100, 200 anos, mas o esforço feminino para alcançar padrões de beleza, que também são mutáveis, é constante na história. Esse esforço traz consigo o sofrimento de tentar ser algo que muitas vezes não se é, sob a ameaça de exclusão e marginalização pela sociedade (SALLA, 2022).

Os procedimentos estéticos estão sendo cada vez mais vinculados à ideia de saúde, com propagandas promovendo a constante busca pelo aprimoramento e otimização através de slogans como "envelheça com saúde". Além disso, há um crescente número de mulheres, cada vez mais jovens, recorrendo a intervenções estéticas, refletindo uma tendência que vai além do receio do envelhecimento, vinculada também a uma nova forma subjetiva de construção de

imagem. As aplicações de toxinas botulínicas na faixa etária de 19 a 34 anos, de 2020 para 2023, aumentou aproximadamente 42,28% (ISAPS, 2023).

Rohden (2021), ao questionar as especificidades dos processos contemporâneos de transformação corporal e subjetiva baseados nas novas biotecnologias, apresenta a ideia de subjetividade sintética. Nessa perspectiva, as identidades contemporâneas são moldadas pela biotecnologia e intervenções estéticas, rompendo a tradicional oposição entre o natural e o artificial. Em vez de um eu fixo e essencial, a subjetividade é vista como um processo dinâmico de autoinvestimento e aperfeiçoamento através da incorporação de elementos externos, como próteses e intervenções cirúrgicas. Essas transformações são valorizadas não só pelos resultados visíveis, mas também pelo esforço pessoal e financeiro investido, refletindo uma busca por satisfação e autoestima. Nesse contexto, a identidade se constrói e reconstrói continuamente, celebrando a capacidade de transformação rápida e eficaz, sem compromisso com a subjetividade individual. A síntese de diferentes componentes pode ser usada ainda para pensar no uso de tecnologias visuais digitais de apresentação de si, que combinam a imagem corporal e a tela dos diversos dispositivos tecnológicos. O autor argumenta que essas incorporações passam a compor de maneira significativa a configuração das formas de subjetividade contemporâneas.

Em uma sociedade impulsionada pelo consumo capitalista, a realização pessoal é frequentemente associada à capacidade de consumir. Os modismos de consumo moldam não apenas os hábitos de compra, mas também a maneira como moldam-se os corpos, transformando-os em produtos a serem exibidos. Nesse contexto, surge a construção de uma persona nas redes sociais, onde o aprimoramento pessoal é não apenas exibido, mas também romantizado. A publicização dos procedimentos e a capacidade de pagar por eles se tornam parte integrante do consumo, onde mostrar-se capaz de investir em si mesmo é tão crucial quanto alcançar o resultado desejado (FONTANIVE, 2023).

Os ideais de corpo criados e que influenciam são moldados pela cultura e carregam consigo normas e valores impostos por aqueles que detêm o poder. No passado, o papel do corpo na sociedade estava associado ao status social nas classes, mas hoje, especialmente no discurso ocidental, o corpo é visto como um reflexo da pressão para autoaperfeiçoamento e responsabilidade pessoal, exacerbando questões de autovalorização e controle. Se o corpo não se encaixa no padrão considerado perfeito, pode ser julgado como descuidado ou preguiçoso. A disciplina e o controle corporal agora vão além das normas sociais, adentrando a esfera individual, moldada por valores, aspirações, desejos, expectativas, imaginários e padrões de consumo. As novas disciplinas corporais são assumidas de forma voluntária, como

responsabilidades e escolhas individuais, apoiadas pela tecnologia médica e incentivadas e legitimadas pela mídia. Não se trata apenas de disciplinar corpos e comportamentos, mas também de adotar ideias liberais que, ao responsabilizar os indivíduos, muitas vezes negligenciam uma análise crítica das questões coletivas. Discursos que garantem novos modelos de dominação dos corpos, de forma menos explícita. Estamos falando de valores, aspirações, desejos e atitudes individuais que estão ligados a um modelo corporal ideal, padrões de consumo e estilos de vida associados à imagem utópica de sucesso, prestígio, sedução e mobilidade social (PUSSETTI, 2021).

Considerações finais

Ao explorar as implicações do número crescente de procedimentos estéticos na expressão das mulheres, percebe-se que o comportamento facial humano revela uma complexidade que vai além da expressão emocional, mostrando multifuncionalidades que abrangem ferramentas de comunicação social moldadas pelo contexto e pela interação com os outros.

Modificações corporais não são algo novo na história; ao longo dos séculos, os corpos foram constantemente modificados e marcados. Contudo, a evolução tecnológica atual permite intervenções estéticas inimagináveis há algumas décadas. É preciso, entretanto, salientar a imposição contínua de padrões de beleza. Historicamente, as mulheres foram submetidas a diversas formas de controle e docilização, sendo muitas vezes silenciadas em suas expressões e na propriedade de seus corpos. A influência da mídia, publicidade e tecnologias digitais pode incentivar cenários onde a busca por padrões de beleza e sucesso é percebida como uma escolha autônoma, mas serve, na verdade, a uma sociedade de consumo que molda não apenas os hábitos de compra, mas também a maneira como os corpos são moldados, transformando-os em produtos a serem exibidos, perpetuando o silenciamento da expressão das mulheres.

A hipótese deste trabalho é que o uso excessivo de procedimentos estéticos pode resultar em rostos uniformes e inexpressivos, ocultando a diversidade de expressão e comunicação das mulheres. Tendo em vista que representações midiáticas e publicitárias afetam as experiências individuais com o corpo e contribuem para construções subjetivas de imagem, a publicidade desses procedimentos frequentemente promove a ideia de que várias expressões faciais são negativas, incentivando a eliminação ou correção dessas expressões. Anúncios destacam marcas faciais associadas ao cansaço, raiva ou preocupação como algo a ser ocultado ou corrigido. Essas propagandas reforçam um complexo cultural que posiciona a mulher em um

lugar de inferioridade e inadequação. Portanto, mais estudos são necessários para compreender plenamente essa dinâmica e como esses procedimentos vão afetar a expressão e comunicação das mulheres a longo prazo.

É importante reconhecer que uma característica física é influenciada por múltiplos fatores e nem sempre está diretamente relacionada às representações emocionais apresentadas nas propagandas.

A questão do silenciamento da expressão das mulheres vai além da busca pelo ideal da juventude eterna. Novas formas de transformação corporal e subjetiva baseadas nas biotecnologias, como a subjetividade sintética, são apresentadas na literatura. Além de termos diferentes elementos nessas novas subjetividades que passam a estar mais relacionadas ao consumo, perpetua-se o complexo cultural que estabelece uma estética física hegemônica, restringindo a experiência individual à conformidade com padrões, dificultando o processo individual das mulheres de vivenciarem plenamente suas singularidades.

O processo de individuação também é vivenciado corporalmente. Os corpos se modificam ao longo das vidas e das histórias pessoais, com diferentes aspectos em cada fase. A imposição de um padrão hegemônico exige uma conformidade que prejudica o processo de individuação das mulheres, tanto a nível grupal quanto individual.

É essencial fomentar caminhos que valorizem a diversidade. As mulheres têm o direito ao belo, e também de expressar suas emoções, livres das restrições impostas por normas estéticas opressivas.

REFERÊNCIAS

FONTANIVE, Stéfani. Número de cirurgias plásticas cresce a cada ano e suscita debates sobre a autoimagem na sociedade de consumo. **Jornal da Universidade UFRGS**, Porto Alegre, 9 de fevereiro de 2023. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/numero-de-cirurgias-plasticas-cresce-a-cada-ano-e-suscita-debates-sobre-a-autoimagem-na-sociedade-de-consumo/>

INTERNATIONAL SOCIETY OF AESTHETIC PLASTIC SURGERY. **Aesthetic/cosmetic procedures performed in 2023.** Reino Unido/Estados Unidos: Isaps, 2023. 56 p. Disponível em: <https://www.isaps.org/discover/about-isaps/global->

statistics/reports-and-press-releases/global-survey-2022-full-report-and-press-releases/.
Acesso em: 10 jun. 2024.

JUNG, Carl Gustav. **O eu e o inconsciente. In Obras Completas.** Petrópolis: Vozes 2014

PUSSETTI, Chiara. Nós, pós-humanos: da gênese à liberdade. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, 25. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/interface.200306>

ROHDEN, Fabíola. Subjetividades sintéticas: apontamentos sobre transformações corporais e subjetivas via intervenções biotecnológicas. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, 25, 2021. <https://doi.org/10.1590/interface.210065>

ROSÁRIO, Nísia Martins do; SANTOS, João Batista Nascimento dos. Desconstruindo a Referenciação Da Identidade: Corpos Ilimitados Pela Perspectiva Da Singularidade Na Publicidade. **Rizoma** Santa Cruz do Sul, v.9, n.2, julho de 2021 Disponível em: https://www.academia.edu/114554326/Desconstruindo_a_referencia%C3%A7%C3%A3o_da_identidade_corpos_ilimitados_pela_perspectiva_da_singularidade_na_publicidade

SALLA, Giovanna. **Corpos desnaturalizados: o padrão de beleza da mulher brasileira sob a visão dos complexos culturais na psicologia analítica.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/27578>

SOUSA, Cristina de. Emoções e expressão facial: novos desafios. **Psicologia**, Lisboa, vol.24, n.2, pp.17-41, julho 2010. Disponível em: https://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-20492010000200002

SOUSA, Cristina de. **Identities e comportamento facial.** 2006. Tese de Doutorado Universidade de Évora, Portugal, 2006. Disponível em: <https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/11169>

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos.** 4. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.